

A ENTREVISTA TELEVISIVA – ESPAÇO DE CO-CONSTRUÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S)

MARIA FILOMENA CAPUCHO
(Faculdade de Letras – U. C. P.)

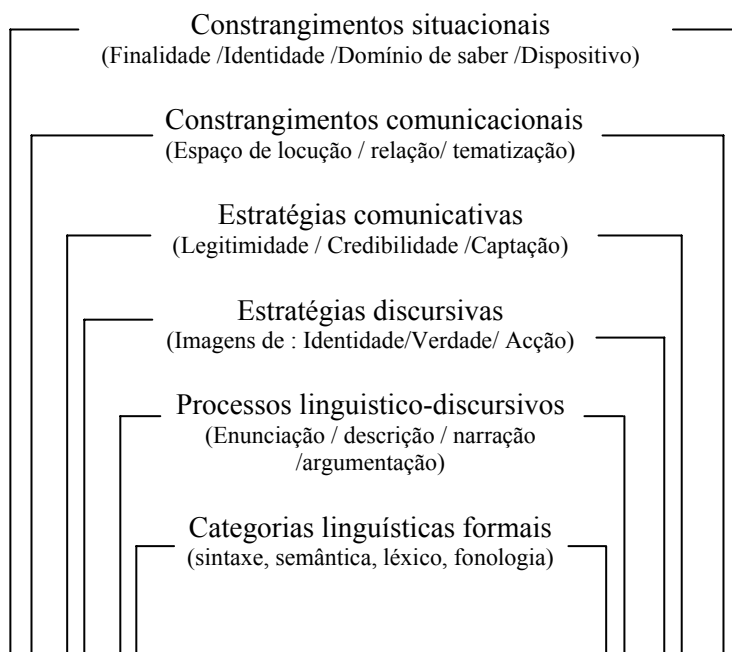
A entrevista televisiva inscreve-se num ritual socio-linguístico particular, constituído por um género discursivo específico, o diálogo, caracterizado por uma situação de mediação: trata-se, de facto, de um diálogo encenado para destinatários que não intervêm directamente no discurso. Este ritual corresponde assim a um discurso polifónico, co-construído por dois locutores ligados por um certo número de contratos (Charaudeau, 1983), com intenções perlocutórias definidas.

É neste contexto, constituído pelo cruzamento de três espaços (o espaço de locução, o espaço de relação e espaço de tematização — cf. Charaudeau, 1995) que os locutores negociam e constroem as suas identidades socio-discursivas. De facto, se, à partida, cada sujeito falante (cf. Ducrot 1984) possui um estatuto social ou socio-profissional determinado (ou mesmo uma pluralidade de estatutos possíveis), cada locutor desenvolve na interacção um papel ou vários papéis discursivos que são (ou não) ratificados pelo interlocutor (cf. Diamond, 1996). Assim "l'identité du locuteur [...] renvoie au *sujet communiquant tel qu'il est (re) défini dialogiquement dans l'espace de l'interlocution.*" (Burger, 1994: 250)

Neste trabalho, analisamos, num *corpus* de 12 entrevistas difundidas pelas televisões francesa e portuguesa, as diferentes estratégias utilizadas para a negociação das identidades, ilustrando com exemplos concretos o processo de co-construção identitária que tentaremos definir e caracterizar.

A entrevista televisiva (forma que adoptamos para designar o que, em contexto anglo-saxónico, se denomina por *news interviews*) surge como uma forma de discurso institucional específico (cf. Drew & Heritage, 1992; Heritage & Greatbatch, 1991, Greatbatch, 1988) que determina, para além dos estatutos sociais previamente caracterizadores de cada sujeito, dois estatutos situacionais bem definidos – o de entrevistador (IR) e o de entrevistado (IE). Estes estatutos pré-definidos levarão os locutores a obedecer a uma série de constrangimentos específicos que enformarão decisivamente o contrato de fala (cf. Charaudeau, 1983) estabelecido entre ambos. No entanto, se tais constrangimentos determinam e limitam o que pode ser dito, a concepção dos diferentes espaços interlocutivos abrange ainda toda uma série de processos, ao nível das estratégias, que abrem

a possibilidade de um campo de liberdade ilocucional, conforme podemos constatar no esquema seguinte (in Capucho, 2000: 60):



De facto, se há estatutos sociais e discursivos pré-definidos, a construção identitária do sujeito não se esgota nesta determinação, constituindo o discurso um espaço de liberdade para a construção da identidade. É exactamente neste contexto, constituído pelo cruzamento de três espaços (o espaço de locução, o espaço de relação e espaço de tematização — cf. Charaudeau, 1995) que os locutores negociam e constroem as suas identidades socio-discursivas. No entanto, e porque se trata de uma situação mediatizada, porque o discurso encenado e produzido pelos dois interlocutores tem como destinatário um ser ausente (o espectador)¹, será o resultado desta negociação que será proposto, finalmente, como identidade social de cada um dos intervenientes.

À partida, cada sujeito falante (cf. Ducrot, 1984) é marcado por um estatuto social ou socio-profissional determinado (ou mesmo uma

¹ cf. esquema de organização dos níveis subjacentes à situação de comunicação específica, reproduzido em Anexo (in Capucho, 2000: 34).

pluralidade de estatutos potenciais), que são acompanhados dos estatutos discursivos determinados pela situação mediatizada. No entanto, cada locutor desenvolve, na interacção, um papel ou vários papéis discursivos que são (ou não), e ratificados pelo interlocutor (cf. Diamond, 1996). É a relação entre sujeito falante e locutor que abre assim o espaço para a construção identitária proposta ao interlocutor, por ele ratificada (ou não) que constituirá então a proposta feita por ambos ao destinatário ausente - o telespectador. Assim "l'identité du locuteur [...] renvoie au *sujet communiquant tel qu'il est (re) défini dialogiquement dans l'espace de l'interlocution*." (Burger, 1994: 250).

O espaço de ilocução televisiva surge pois como um espaço de construção identitária - um espaço de negociação da identidade e, conseqüentemente, um espaço de conflitos identitários. A observação de exemplos recolhidos num *corpus* de 12 entrevistas difundidas em telejornais de canais de televisão portugueses e franceses² permitir-nos-á observar algumas estratégias discursivas recorrentes na construção da identidade dos entrevistados, assim como analisar alguns conflitos que surgem na dupla negociação dessa identidade. Tentaremos agrupá-los em diferentes categorias que descreveremos e ilustraremos com exemplos concretos.

A identidade do entrevistado é (IE) normalmente introduzida pelo entrevistador (IR) no início do diálogo, através de processos diversos.

Um primeiro tipo de referência identitária consiste na sua explicitação numa intervenção inicial que se dirige directamente ao espectador:

² O corpus a que referiremos neste trabalho é constituído por 6 entrevistas francesas e 6 entrevistas portuguesas difundidas entre Junho de 1996 e Março de 1997 nos seguintes telejornais das 20 horas:

1. INTF1 : F2 - 23.08.96 - Benoît Duquesne / Emmanuelle Béart
2. INTF2 : F2 - 04.06.96 - Bruno Masure / Xavier Gouyou-Beauchamps
3. INTF3 : F2 - 31.03.97 - Daniel Bilalian / Sandrine Bonnaire
4. INTF4 : TF1 - 03.01.97 - Claire Chazal / Louis Gallois
5. INTF5 : TF1 - 20.08.96 - Béatrice Schönberg / Daniel Auteuil
6. INTF6: TF1 - 27.08.96 - Patrick Poivre d'Arvor / Eric Lindmann
7. INTP1: SIC - 05/09/96 - Rodrigo Guedes de Carvalho/ João Nabais
8. INTP2: SIC - 19/11/96 - José Alberto de Carvalho / Fernando Seara
9. INTP3 - SIC - 08/03/97 - Alberta Marques Fernandes / Prof. José M. Palminha
10. INTP4: RTP1 - 28/01/97 - José Rodrigues dos Santos / Padre Feytor Pinto
11. INTP5: RTP1 - 05/01/97 - Clara de Sousa / Nicolau Santos
12. INTP6: RTP1 - 05/02/97 - Judite de Sousa / Graça Mira Delgado

INTF5 - BS — *J'accueille maintenant Daniel Auteuil*
 INTP3 - AMF - *Tenho comigo o Prof. José Manuel Palminha Director do Serviço de Pediatria do Hospital* Se/ S. Francisco Xavier.*
 INTP4 - JRS — *Connosco está o Padre Feytor Pinto* do Projecto Vida.*
 INTP5 - CS — *Nicolau Santos é o director do Jornal Público.*
 INTP6 - JS — *Vou então conversar com Graça Mira Delgado* do Movimento Direito pela Vida.*

Note-se, pelos exemplos transcritos, que este processo é mais frequente na televisão portuguesa. Ainda neste contexto, a referência identitária é acompanhada de uma referência explícita ao estatuto institucional do interlocutor. Como verificaremos mais tarde, tal processo parece evitar conflitos na co-construção da identidade do IE, já que pelo poder que institucionalmente é acordado ao IR, o estatuto por ele referido passa a enformar os constrangimentos situacionais, reduzindo o espaço de liberdade do locutor.

Outro processo de introdução da identidade do entrevistado é a simples menção do nome no momento da saudação ritualizada de abertura, seguida ou não da explicitação do estatuto social ou institucional do interlocutor:

INTF 2 - BM — *Xavier Gouyou-Beauchamps bonsoir* bienvenu sur France 2. Interviewer son propre PDG ça s'apparente un peu au double salto avec piquet**
 INTF1 - BD — *Emmanuelle Béart bonsoir* vous vous êtes beaucoup investie dans ce ce mouvement des sans papiers de St. Bernard...*
 INTF3 - DB — *Dans un peu plus d'une minute maintenant que nous avons à vous consacrer Sandrine Bonnaire bonsoir*
 INTP1 - RGC — *A polémica* em torno dos ciganos* que se arrasta. Dr. João Nabais* boa noite*
 INTP2 - JAC — *Dr. Fernando Seara muito boa noite.*

Neste processo, que nos levará igualmente a outras reflexões no desenvolvimento deste trabalho, notam-se contudo algumas diferenças. No caso português, a simples menção do título do entrevistado atribui-lhe, de imediato uma posição na hierarquia social que é importante para o desenvolvimento posterior da sua imagem - o título de Dr. parece legitimar de imediato a presença do interlocutor, atribuindo-lhe, simultaneamente, uma aura de prestígio.

Num dos casos franceses (INTF2), a menção ao cargo exercido pelo entrevistado abre imediatamente o campo da percepção de um conflito de posições estatutárias entre os interlocutores, que é aliás assinalado pelo IR— o seu IE é ao mesmo tempo o seu patrão (*son*

propre PDG), o que coloca o jornalista numa posição pouco confortável e até mesmo arriscada (*ça s'apparente un peu au double salto avec piquet*). Com efeito, qual a posição estatutária que será ocupada pelo IR : a posição alta, correspondendo ao seu papel de IR ou a posição baixa, socialmente apropriada à sua qualidade de empregado de Xavier Gouyou-Beauchamps? Este conflito estará forçosamente subjacente à interação, mas é curioso que Bruno Masure o assinale, como se desde o início do diálogo quisesse exorcizar a ameaça potencial que paira sobre a sua face (e/ou sobre a do seu IE).

Em INTF1 e em INTF3, a identidade social de ambas as entrevistadas não é mencionada – ambas são atrizes do cinema francês e tudo se passa como a sua simples imagem física fosse suficiente para a ratificação (por todos) do seu estatuto social. No entanto, note-se que um atributo identitário é explicitamente conferido a Emmanuelle Béart através da menção de acções por ela praticadas: *vous vous êtes beaucoup investie dans ce mouvement des sans papiers de St. Bernard*.

Dois outros processos são desenvolvidos ainda com a finalidade de atribuir de início uma identidade social aos IEs. No primeiro, ela é explicitamente referida no contexto da pergunta que abre a entrevista:

INTF4 - CC — Alors on a longuement... entendu les usagers... les passagers vos clients de la SNCF Louis Gallois vous êtes président de cette société**

No segundo caso, é a reportagem que antecede a entrevista que constrói a identidade do IE, cujo nome nunca é sequer referido pelo IR ao longo de todo o diálogo:

INTF6 (reportagem) - cet exemple de courage le nageur Eric Lindmann qui a rapporté 5 médailles dont 4 d'or.[...] il est pugnace volontaire il accepte l'effort* Eric Lindmann est surtout et avant tout un nageur d'exception.*

Será interessante referir que, nos casos em que a identidade institucional do IE é colocada desde o início pelo IR, ela é sistematicamente ratificada e confirmada discursivamente por ambos ao longo da interação. Assim, cada IE assume o estatuto que lhe é atribuído e é sob essa identidade que toma a palavra e que constrói o seu discurso. Os conflitos estão ausentes e o espaço teórico de liberdade do locutor nunca é utilizado para perturbar a ordem social pré-determinada. Há, quando muito, algumas reacções quando o IR

pretende atribuir outras características identitárias complementares que o seu interlocutor não ratifica, como ilustra o seguinte exemplo de negociação:

INTP6

JS — Para as pessoas que integram este movimento e eu apresentei-as como sendo eu pessoas católicas ou pelo menos maioritariamente católicas esta é uma questão que tem a ver com a vida que tem a ver com a ética* ou é **fundamentalmente** uma questão que tem a ver com princípios* e valores de natureza religiosa?*

GMD — Eu queria dizer que o Movimento Direito pela Vida não é um movimento católico é um movimento aconfessional* porque ...*

JS — Mas integra pessoas eu ligadas eu maioritariamente

GMD — integra pessoas ligadas maioritariamente ligadas à... que são cristãos

JS — Com certeza

Nos casos em que a identidade socio-institucional do entrevistado é apenas sugerida pelo IR (casos já referidos de INTP1 e INTP2) é o próprio IE que se encarrega de a explicitar no decorrer do diálogo:

INTP1 - JN — eu estou a exprimir uma opinião pessoal enquanto jurista**

INTP2 - FS — Tem todos os mecanismos eu fui membro do Conselho de*

Justiça

JAC — Exacto

FS — da Federação Portuguesa de Futebol durante algum tempo.*

(e neste, segundo exemplo, essa explicitação é ainda ratificada pelo IR).

Para além destas referências explícitas à identidade social ou institucional, o estudo enunciativo que realizámos à totalidade deste corpus (cf. Capucho, 2000) revelou-nos que os locutores assumem linguisticamente o seu papel social e institucional através de escolhas lexicais bem marcadas ou da própria estrutura do seu discurso. Assim um padre fala como padre (cf. o estudo ainda não publicado de Bessa, *A Conversação quotidiana do clero: estudo de marcas do discurso oral*), um jurista como jurista, um professor apresenta marcas de um discurso pedagógico....

Mas é sobretudo nos casos em que a identidade do sujeito falante não é abertamente referida ou em que há, à partida, conflitos de estatutos potenciais, que a construção das imagens identitárias dos sujeitos surge como resultado de uma negociação inter-pessoal, muitas

vezes determinada pelos efeitos perlocutórios que o média pretende atingir. Neste último contexto, situam-se especificamente INTF2, INTF1 e INTF3.

No caso primeiro caso (INTF2), como já referimos, surge logo de início uma dualidade de estatutos identitários que poderia constituir uma fonte de conflitos interlocutivos. No entanto, devemos esclarecer que se trata de uma entrevista ao novo patrão do canal France 2 no dia da sua tomada de posse. A reportagem difundida imediatamente antes da conversa televisiva esboça o retrato de um homem que crê em *l'importance du dialogue au sein de l'entreprise, de la confiance et du respect mutuel* e será pois esta a imagem co-encenada por IR, IE e equipa técnica ao longo da entrevista. Assim, no decorrer da interacção, Xavier Gouyou-Beauchamps não reivindica nunca a posição alta que o seu estatuto institucional que atribuiria, assumindo uma posição baixa correspondente ao seu papel de entrevistado. É pois um homem que crê em valores como a confiança e que possui sentido de humor que é revelado tanto no discurso verbal como no discurso imagético; é um homem que vela pelo respeito mútuo e que sabe pois esperar pacientemente que o IR lhe atribua a palavra, mesmo quando as perguntas são precedidas de longos comentários; é um homem apaixonado pelo seu trabalho e que o exerce simultaneamente com rigor e prazer. A intencionalidade da encenação da imagem do novo Presidente da FR2 é clara e manifesta-se por uma imensa cumplicidade colaborativa entre os dois interlocutores. A necessidade de construção de uma identidade específica do entrevistado (de forma a influenciar a opinião pública sobre o perfil deste novo gestor) determina assim a co-construção discursiva negociada pelos interlocutores e leva à dissolução de qualquer conflito potencial.

Em INTF5, é a própria entrevistada que, logo no início da sua primeira intervenção, reivindica um estatuto específico, contraditório com o que lhe poderia ser atribuído pelos espectadores:

EB — C'est-à-dire d'abord je voudrais dire que je ne suis là en tant que... comédienne mais en tant que femme* mère de deux enfants**

No contexto da entrevista, na relação com a intencionalidade da mesma, este estatuto um pouco surpreendente será facilmente compreendido. De facto, trata-se de mobilizar a opinião pública para a causa dos imigrantes clandestinos em França, que estão ameaçados de expulsão do país. Emmanuelle Béart, que publicamente se solidarizou com esta causa, emprestando-lhe o seu prestígio, é então convidada

pelo telejornal para sensibilizar o público-espectador. E será então com sua imagem de mulher e mãe (não com a sua imagem pública de atriz) que todas as espectadoras anónimas se poderão identificar, partilhando dos mesmos sentimentos. E serão efectivamente todas as mulheres, dado que, um pouco mais tarde, Emmanuelle Béart reivindica ainda um novo traço identitário:

EB — je tiens à préciser que je ne suis d'aucun parti politique d'accord voilà*

É esta identidade mobilizadora que a atriz constrói ao longo de toda a entrevista e, nesta construção, conta (aqui também) com o silêncio cúmplice do seu IR, cujas intervenções se resumem ao mínimo possível (ocupando apenas 14% do tempo total da entrevista³). É que ambos sabem estar ao serviço de uma causa cujo valor ético é incontestável...

O valor que está por detrás da construção identitária da IE de INTP3 já não será tão inquestionável. Trata-se do lançamento publicitário de uma série produzida pelo canal televisivo, na qual Sandrine Bonnaire é a protagonista principal. Neste caso, o que se torna necessário é desfazer a imagem de "atriz intelectual" que envolve Sandrine Bonnaire no contexto mediático francês, de forma garantir audiências para a série que começa. E é exactamente esta imagem a destruir que é introduzida pelo IR, de forma a possibilitar a sua negociação pela IE:

DB — Alors vous n'aviez jamais fait de télévision vous êtes plutôt euh cinéma cinéma et encore dit-on... pas toujours dans des films très faciles vous avez le... j'sais pas le vocable de d'actrice intellectuelle un peu et là vous tombez dans le mélodrame populaire*

SB — Oui sauf que c'est plutôt une image qu'on me donne* je suis absolument pas comme ça* c'est un peu euh c'est un peu le... on a tendance à cataloguer les gens un peu trop facilement* moi je suis plutôt pour le populaire pas pour la bêtise* pas pour* euh... mais euh je trouve que* euh le cinéma le théâtre la télévision ça doit être populaire mais dans son vrai sens**

³ A média percentual do tempo de palavra dos entrevistadores da televisão francesa é de 34%, sendo o desvio-padrão de 15.

E no decorrer de todo o diálogo, é a mulher frágil e não intelectual que o IR se dirige, acabando a entrevista de uma forma paternal:

DB — 6 épisodes merci* mais oui ça va marcher* ne vous inquiétez pas!*

Finalmente, o exemplo mais conflituoso de todas as entrevistas em análise é o de INTF6. Referimos já que um perfil identitário de Eric Lindmann (o IE) é esboçado imediatamente antes da interacção entre este e Patrick Poivre d'Arvor, um dos mais famosos apresentadores do telejornal em França. É exactamente este perfil que Eric Lindmann pretende assumir discursivamente, contrariamente às verdadeiras intenções do seu IR. Com efeito, PPDA pretende construir uma imagem sensacionalista do nadador, chamando a atenção para as suas características de atleta deficiente, dramatizando a situação. Face a este projecto de palavra do seu interlocutor, que contraria as razões pelas quais o IE pensa dever a sua presença no estúdio, Eric Lindmann reage recusando abertamente a identidade que lhe é atribuída:

PPDA - Quand vous étiez à Atlanta et encore tout à l'heure là à l'aéroport avec tous ces athlètes vous aviez le sentiment de faire d'une famille à part ou euh d'être simplement un sportif un sportif comme tous les autres comme ceux que nous avons vus il y a tout juste un mois à Atlanta?*

EL -Moi je pense qu'on est sportif avant tout. Le handicap c'est après (2 segundos de silêncio)

PPDA - Est-ce qu'il y a des... des athlètes que vous avez pu rencontrer... français ou autres à Atlanta dont le destin vous a particulièrement touché* euh avec qui vous avez pu vous entretenir? (2 secondes de silence)*

EL -Des athlètes français?

PPDA - Oui est-ce que vous avez parlé de leur handicap ou est-ce que vous ne parliez que de performances?

EL - Ah non non le handicap on n'en parle pas du tout c'est le sport*

PPDA - Que la performance

EL - avant tout. Le sport c'est tout le handicap ça n'a rien à voir dans... dans la compétition*

E, sentindo-se incapaz de negociar mais abertamente a sua auto-imagem, o IE escuda-se por detrás de uma barreira de silêncio, só interrompida para responder quase monossilabicamente às perguntas que lhe são feitas. O seu tempo de palavra é, percentualmente face à duração total da entrevista, o mais curto em todos os documentos analisados.⁴

⁴ 35%, quando a média em contexto francês é de 66% e o desvio-padrão de 10%

A entrevista televisiva constitui pois um lugar de construção das identidades pessoais e sociais. Sujeita a constrangimentos que compreendem os estatutos sociais, institucionais e discursivos pré-definidos, ela constitui, também e ao mesmo tempo, um espaço de liberdade para a construção de papéis específicos e de identidades inesperadas, no decorrer de negociações colaborativas ou conflituosas. Ela é assim um espaço onde Discurso, Sociedade e Identidade se cruzam...

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

- BURGER, M. (1994) (Dé)construction de l'identité dans l'interaction verbale: aspects de la réussite énonciative de l'identité. *Cahiers de Linguistique Française*. **15**. Université de Genève: 249 - 274
- CAPUCHO; M. F. (2000) "*Je voudrais dire un petit mot*" - *Langage et pouvoir: analyses du(-es) discours en télévision*. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Letras (Tese de Doutoramento)
- CHARAUDEAU, P (1983) *Langage et Discours*. Paris: Hachette
- CHARAUDEAU, P. (1995) Une analyse sémiolinguistique du discours. *Langages*. **117**. Paris: Larousse: 96 - 111
- DIAMOND, J. (1996) *Status and Power in Verbal Interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company
- DREW, P., & HERITAGE, J. (1992) *Talk at work. Interaction in Institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press
- DUCROT, O. (1984) *Le dire et le dit*. Paris: Minuit
- GREATBATCH, D. (1998) Conversational Analysis: Neutralism in British News Interviews. IN: BELL, A., & GARRETT, P. *Approaches to Media Discourse*. Oxford UK / Malden, USA: Blackwell
- HERITAGE, J. & GREATBATCH, D. (1991) On the Institutional Character of Institutional Talk: the Case of News Interviews. IN: BODEN & ZIMMERMAN. *Talk and Social Structure*. Cambridge: Cambridge Polity Press.

INTERVIEW

